

a *Alves* tinha o seu. Havia o *Almanaque da Comunhão do Pensamento*, produzido em São Paulo. Aquele era o primeiro ponto, a livraria, na passagem de Lima Barreto. Lima, em geral saía da *Careta*, na Rua 7 de Setembro.

“Nesse meio tempo, porém, tenho recebido notícia de lá que, sem implicar numa total modificação dos costumes e hábitos daquele notável povo e daquela curiosa terra, observados já por mim, revelam, entretanto, pequenas alterações interessantes que não devem ficar sem registro. Uma delas é a que se está passando com os seus literatos e poetas.

Em todos os tempos, os homens de letras, maus ou bons, geniais ou medíocres, ricos ou pobres, gloriosos ou *ratés*, sempre se julgaram inspirados pelos Deuses e confabulando intimamente com eles. A vida dos escritores, poetas, comediógrafos, romancistas, etc., está cheia de episódios que denunciam esse singular orgulho deles mesmos e da missão da arte de escrever a que se dedicam. Todos eles se deixariam morrer à fome ou de miséria, antes de transformar a sua Musa em passatempo de poderosos e ricos. Entregaram essa função aos bufões, aos histriões, aos bobos da corte, etc.”

(*Bruzundangas*)

Pedia parati. Recusava qualquer outra bebida alcoólica, inclusive cerveja. Note-se que era uma época alcoólica — fernet, capilé (um traçado), etc. Havia também refrescos de groselha, veja você que não havia nem guaraná, nem coca-cola. Mas os refrescos de frutas, preparados na hora e relativamente baratos, eram bastante procurados: laranjada, limonada, cajuada, coco da Bahia, morango. E também sorvetes. O barzinho da rua Sachet possuía toda essa variedade de produtos e havia freguesia para tudo isso. Pedia-se gelado, frapê ou sem gelo. Frapê era metade a metade gelada e natural.

“— O que estraga o Brasil não é a cachaça, não. É a burrice, meu caro.

— Menino, aterra esse mar e mata essas gaivotas. O resto demonstra alguma coisa apreciável. Quando você principiar a escrever, tome um trem aqui, viaje até a Central, de segunda classe, e terá assunto, não para um pequeno conto apenas, mas para um livro de muitas páginas.”

(Citações suburbanas em um prefácio de Eloy Pontes para uma edição de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*)

Lima passava rapidamente pela livraria, demorando-se de cinco a dez minutos. E dirigia-se ao bar, onde, conforme os presentes, às vezes, ficava pouco tempo e outras, passava até as cinco horas da tarde, entretido na conversação com os companheiros (eram poucos) e, entre eles, estava Coelho Cavalcanti, um pernambucano ou paraibano, já velho, importante, jornalista e advogado, com grande atuação no *Forum* e, principalmente, no Tribunal do Júri. Era o mais velho, o mais alto (bem mais alto do que Lima e do que eu, quase sempre de fraque cinzento e chapéu coco), bastante culto, um erudito. Não só professor, como poeta. O grupo jovem participava da roda pelo café e, às vezes, pelo refresco, pois, nenhum deles, usava bebida alcoólica. Apenas os mais velhos bebiam. Desse grupo jovem, os que ali apareciam, não constantemente, eram Moacir de Almeida, poeta; Jordano da Mata, caricaturista; Rubens Trinas, que tinha o pseudônimo de *Trinas Fox* e que, a partir da meia-idade, aderiu ao parati. Ninguém tomava uísque. Havia vários estudantes de Direito que apareciam, davam umas olhadas furtivas e se sumiam como cometas em circulação e emitiam certos palpites em matéria política (a época era 1916, intensamente agitada por *meetings*; enfim, naquele tempo tínhamos vida partidária e já algumas greves).

“Este caderno esteve prudentemente escondido trinta dias. Não fui ameaçado, mas temo sobremodo os governos do Brasil. Trinta dias depois, o sítio é a mesma coisa. Um progresso! Até aqui se fazia isso sem ser preciso estado de sítio; o Brasil já estava habituado a essa história. Durante quatrocentos anos